

**A VISIBILIDADE DO QUE NÃO SE QUER VER:
IDENTIDADES HOMOAFETIVAS SOB AS LENTES DAS TELENÓVELAS DO BRASIL
CONTEMPORÂNEO**

Talitta Tatiane Martins Freitas¹

RESUMO

Este trabalho busca dialogar com os escritos da pesquisadora Joan W. Scott no que diz respeito ao impacto da visibilidade homoafetiva. O objetivo é problematizar a naturalização do dualismo homossexualidade/heterossexualidade, historicizando essas experiências enquanto parte de uma teia de relações, cujo social e pessoal estão imbricados um no outro, sendo ambos historicamente variáveis. Para tanto, optou-se pela análise de personagens homossexuais apresentados em telenovelas, pois os mesmos conseguem ser uma forma de visibilidade dessas experiências, ao mesmo tempo em que geram o debate sobre essas questões fora das telas.

PALAVRAS-CHAVE: Telenovela – Visibilidade – Dualismo – Naturalização

ABSTRACT

This paper seeks to dialogue with the writings of the researcher Joan W. Scott which concern to impact the homoafective visibility. The aim is to problematize the naturalization of dualism homosexuality / heterosexuality, historicizing these experiences as part of a web of relationships whose social and personal are intertwined with each other, both historically variable. Therefore, was chosen to analyze homosexual characters presented on soap operas, as they can be a form of visibility of these experiences, while generating debate about these issues off-screen.

KEYWORDS: Soap Opera – Visibility – Dualism – Naturalization

*Jovem encantador,
Dize-me: por que, triste e suspirante, erras
Nestes reinos aprazíveis? Peço-te, dize-me:
Qual o teu verdadeiro nome? “Meu nome é o Amor.”
Então, o primeiro virou-se para mim,
E gritou-me: “Ele mente, porque o nome dele é a Vergonha.
Eu é quem sou o Amor, e costumava estar aqui
Sozinho, neste belo jardim, até que ele chegou
Como um intruso durante a noite.
Sou eu o verdadeiro Amor, que anima de uma
chama mútua os corações dos rapazes e das moças”.
Então, suspirando, o outro disse: “Segue tua fantasia,
Porque eu, eu sou o Amor que não ousa dizer seu nome”.*

Dois Amores – Lorde Alfred Douglas

O poema *Dois amores*, escrito no final do século XIX, apresenta em seus versos uma forma de compreender o amor entre duas pessoas do mesmo sexo. Uma forma de

¹ Doutora em História pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU/PPGHIS. talittatmf@gmail.com.

relacionamento que, segundo o que se convencionou “norma”, deveria ser alcunhado de Vergonha, pois o “amor [realmente] verdadeiro” seria aquele que ocorre nos “corações dos rapazes e das moças”. Lorde Alfred Douglas expõe ainda uma estratégia de poder no que diz respeito à forma como a vida sentimental deva ser dividida entre enunciáveis e as que existem sob o véu do silêncio. “[...] o Amor que não ousa dizer seu nome”.

Hoje, o sexo não é apenas dito, como também dado a ser conhecido cientificamente, numa explosão discursiva como nunca antes foi experimentada. Segundo Michel de Foucault a passagem do Século XIX para o XX foi decisiva nesse processo, no qual “conhecimento” e “sexo” se tornam conceitualmente inseparáveis, pois o segundo se tornou tanto objeto de análise como alvo de intervenção: uma forma de controle social que filtra a sexualidade dos casais, dos pais e dos filhos, das crianças, da relação destas com seus professores, da relação entre pessoas do mesmo gênero, etc.

Em vez da preocupação uniforme em esconder o sexo, em lugar do recato geral da linguagem, a característica de nossos três últimos séculos é a variedade, a larga dispersão dos aparelhos inventados para dele falar, para fazê-los falar, para obter que fale de si mesmo, para escutar, registrar, transcrever e redistribuir o que dele se diz.²

Este é um processo que se inicia nos séculos anteriores, mas que terá no desenvolvimento da medicina da segunda metade do XIX o papel de elaboração de um discurso “neutro” e “científico”, destoante daqueles estritamente moralizantes vivenciados outrora. Trata-se da elaboração de uma “ciência sexual”, preocupada em classificar, ordenar e criar nomenclaturas para práticas, comportamentos e “desvios” de todos os gêneros. Nesse contexto, ocorre a caça às sexualidades periféricas, provocando a incorporação de “perversões” e de uma nova especificação dos indivíduos, dentre eles os homossexuais.

O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, com uma anatomia discreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas, inscrita sem pudor na face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre. É-lhe consubstancial, não tanto como pecado habitual, porém como natureza singular.³

² FOUCAULT, Michel. A hipótese repressiva. In: _____. **História da Sexualidade I: a vontade do saber.** 21 reimpressão. Rio de Janeiro: Graal, 2011, p. 40.

³ Ibid., p. 50.

O homossexual agora é uma espécie,⁴ sendo visto como uma função de definições estáveis de identidades, as quais podem mascarar os sujeitos mesmo com a ausência de qualquer atividade sexual com outros do mesmo gênero. De acordo com Eve Kosofsky Sedgwick, esse projeto de definição se faz tão urgente nesse momento que produz, pela distinção antagônica, uma categoria ainda mais nova: a da pessoa heterossexual.⁵

A dimensão relacional da diferença – seu estabelecimento em contraste com a norma – também tem sido mascarada. A diferença tem sido representada como um traço fundamental ou natural de um grupo enquanto a norma padronizada (o indivíduo homem branco) não é considerada como possuidora de traços coletivos.⁶

Essas concepções são cristalizadas e utilizadas de parâmetro nas definições do que possa ser entendido como normal/desvio. A constituição dessas identidades fixas e binárias é naturalizada em uma sociedade que normatiza o homem branco/heterossexual/monogâmico como padrão de normalidade. Por outro lado, a homossexualidade é definida nos limites negativos, desconsiderando-se que essas experiências são vivenciadas através do tempo de maneira desigual, um “[...] inter-relacionamento historicamente variável entre os sentidos ‘homossexual’ e ‘heterossexual’, a força constitutiva recíproca e a natureza mutável e contestada do terreno que eles ocupam simultaneamente”.⁷

O delineamento desses conceitos discursivos não deve, no entanto, ser desvinculado das especificidades de cada momento histórico a ser trabalhado. Há, na verdade, uma relação intrínseca entre experiência e o campo linguístico, não sendo possível desvincular nenhuma das duas. Trata-se de processos discursivos complexos e mutáveis, algo que de forma alguma deva ser compreendido como parte de um “essencialismo” ou determinação inevitável: “[...] que sempre existiu aguardando para ser expresso”.

Isto por que:

[Os] Sujeitos são constituídos discursivamente e experiência é um acontecimento linguístico (não acontece fora de significados estabelecidos),

⁴ Cf. FOUCAULT, Michel. A hipótese repressiva. In: _____. **História da Sexualidade I: a vontade do saber**. 21 reimpressão. Rio de Janeiro: Graal, 2011, p. 51.

⁵ Cf. SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos pagu**, v. 28, p. 42-43, jan./ jun. de 2007.

⁶ SCOTT, Joan W. O enigma da igualdade. **Estudos femininos**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 24, Jan./ Abr. de 2005.

⁷ Id. A invisibilidade da experiência. **Projeto História**, São Paulo, n. 16, p. 303, Fev. 1998.

mas nenhum deles está confinado a uma ordem fixa de significados. Uma vez que o discurso é por definição compartilhado, a experiência é coletiva, bem como individual.⁸

Tornar uma experiência homoerótica visível – seja através de relatos orais, seja através de construções literárias – mobiliza essa série de jogos existentes entre o pessoal e o coletivo, entre ideias e sensibilidades individuais. Dessa forma, pode-se afirmar que os sujeitos constituem e são constituídos pela experiência, numa retroalimentação não determinista.

Lidar com todos esses feixes não é uma tarefa fácil. Ao contrário, requer dos historiadores que documentam vidas de pessoas omitidas ou negligenciadas um cuidado redobrado na utilização de fontes orais, pois a força e a autoridade dessas experiências poderão reproduzir e naturalizar diferenças, enfraquecendo o impulso crítico ao invés de produzir “uma riqueza de novas evidências anteriormente ignoradas”. Afinal,

Quando a documentação apresentada diz respeito à experiência, a asserção de referencialidade é mais reforçada, o que afinal de contas poderia ser mais verdadeiro do que o relato da própria pessoa a respeito do assunto que ela vivenciou?⁹

Sem dúvida, esses são pressupostos misteres no trabalho do historiador de ofício. No entanto, como essas questões são delineadas quando transpostas para o campo ficcional? Em outros termos, como estas questões devem ser elaboradas quando lidamos com a construção de personagens dramáticos? De que maneira a construção destes lidam com categorizações e discursos cristalizados socialmente?

Segundo o historiador Miguel Rodrigues de Sousa Neto a televisão tem se mostrado, desde os anos 1970, uma das interfaces de visibilidade homoerótica com maior alcance (percentual e geográfico), principalmente devido à sua importância como principal meio de comunicação no Brasil contemporâneo. Veículo de massa por excelência, a TV foi alvo desde o seu surgimento de censuras (política e/ou moral), obedecendo a um “[...] rigoroso código moral que proíbe a apresentação de obscenidades ou formas de perversão sexual, só ‘admitindo as sugestões de relações sexuais dentro do quadro da normalidade’”.¹⁰ A

⁸ SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. **Projeto História**, São Paulo, n. 16, p. 320, Fev. 1998.

⁹ Ibid., p. 301.

¹⁰ TREVISAN, João Silvério. E com vocês: a bicha eletrônica. In: _____. **Devassos no paraíso** – a homossexualidade no Brasil, da Colônia à atualidade. São Paulo: Max Limonad, 1986, p. 180.

exploração do filão homossexual lidará com esse tênue equilíbrio entre a “moralidade” e as demandas sociais emergentes.

Inicialmente, nas telenovelas, os homossexuais eram delineados como figuras ora tímidas, ora macabras; ingênuas ou assassinas (uma associação com aspectos de criminalidade presente em obras como, por exemplo, *Rebu*, (1974) de Bráulio Pedroso e *O astro*, (1977) de Janete Clair). Posteriormente, preferiu-se os personagens estereotipados da “bicha louca” e/ou afetados e efeminados, sendo relativamente recente os personagens homossexuais construídos dentro de um modelo considerado heteronormativo (casais que almejam se casar e/ou adotar filhos). Os programas de humor, por sua vez, se serviram, sobretudo, do homossexual masculino caracterizado como “bicha” ou o “enrustido”, uma construção de estereótipos que atribui a esses sujeitos características como sensibilidade exacerbada, passividade, feminilidade, etc.

O riso foi uma das grandes vias de acesso de personagens homossexuais às telas brasileiras. Talvez porque o transvestir-se de mulher seja uma prática recorrente nos carnavais;¹¹ talvez porque os trejeitos exagerados velem à primeira vista a associação destes com uma realidade. As personagens que mais apelo popular receberam foram as histriônicas celibatárias.

Os personagens caricatos são normalmente bem recebidos pela crítica televisiva, tornando-se populares nos seus núcleos cômicos. São exemplos dessa prática as novelas *Mico preto* (Miguel Falabella e Marcelo Pichi mantinham um relacionamento secreto) e *Barriga de Aluguel* (Eri Johnson deu vida à Lulu, um frequentador assíduo dos treinos de futebol devido sua paixão pelo jogador Bebeto), nas quais os personagens assumem a função cênica de provocar o riso, sendo velado ou excluído de suas tramas aspectos concernentes a práticas eróticas e/ou trocas de carinho entre os casais de maneira mais evidente e explícita (tal como ocorre com qualquer outro personagem hetero).

Fazer rir sem demonstrar muito de seu apetite ou práticas eróticas não tem incomodado aos telespectadores ou aos setores mais conservadores de nossa sociedade. Como “bobo da corte” a “bicha” pode existir. Mais um pedágo: faça-me rir. Ou me entretenha com as disputas.¹²

¹¹ Cf. SOUSA NETTO, Miguel Rodrigues de. **Homoerotismo no Brasil Contemporâneo**: representações, ambiguidades e paradoxos. 2011. Tese (Doutorado em História) – PPGHIS, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

¹² SOUSA NETTO, Miguel Rodrigues de. **Homoerotismo no Brasil Contemporâneo**: representações, ambiguidades e paradoxos. 2011. Tese (Doutorado em História) – PPGHIS, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011, f. 107.

Personagens que não possuem esse apelo podem gerar uma repercussão negativa ou então baixos índices de aprovação, o que faz com que os autores realizem mudanças nos seus perfis ou, como diversas vezes já ocorreu, uma retirada prematura desses personagens da trama. O caso da novela *Torre de Babel* é exemplar, pois Silvio de Abreu literalmente explodiu o casal lésbico vivido por Cristiane Torloni e Silvia Pfeifer ainda nos primeiros capítulos do folhetim. Ao que tudo indica, essas personagens foram eliminadas da trama pela antipatia do público com relação a elas. O próprio autor opinou que o fato de serem apresentadas imediatamente como lésbicas teria levado a tal desfecho, bem como pelo fato de serem belas mulheres maduras, ricas e que experimentavam sua sexualidade sem traços de culpa.

De acordo com Leandro Colling, a década de 1990 experimentou uma nova estratégia de construção da narrativa: a do “revelar-se gay”. Boa parte das novelas produzidas nessa época incorporou essa estrutura: um contínuo de situações onde o revelar/velar se mostra latente, sendo o ápice da narrativa o momento em que o homossexual revela à sociedade a sua opção sexual (normalmente nos últimos capítulos).

O conceito foi desenvolvido por Dennis Allen, em sua análise sobre como as relações homoeróticas foram representadas no seriado norteamericano *Melrose Place*. Conforme explica Oliveira, o autor detectou, em seus estudos, que a “narrativa da revelação” é a única história que pode ser contada nos programas por ele estudados. Ou seja, a presença dos homossexuais nas histórias apenas envolvia a suspeita de suas orientações, que é revelada somente próximo ou no final das tramas. “A este tipo de narrativa, Allen denomina ‘narrativa de revelação’, que existe para constituir um sub-tema da narrativa da heterossexualidade e incorporar o inevitável ciclo do amor, casamento, família de forma tradicional. Este investimento interpretativo exclui a alteridade ou marginalidade da homossexualidade”.¹³

Nos anos 2000 o número de folhetins onde exista algum tipo de temática homoerótica se torna considerável. Apenas nos sete anos iniciais, podem ser contabilizadas 11 novelas, ou seja, ao longo de cada ano houve pelo menos uma com um personagem homossexual, bissexual ou com algum tipo de transvestimento.¹⁴ Segundo Colling, as tramas

¹³ COLLING, Leandro. Personagens Homossexuais Nas Telenovelas Da Rede Globo: Criminosos, Afetados E Heterossexualizados. **CULT** – Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, UFBA. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/arquivos/textoGenero.pdf>. Acesso em: 10 Mar. 2013.

¹⁴ Cf. COLLING, Leandro. Personagens Homossexuais Nas Telenovelas Da Rede Globo: Criminosos, Afetados E Heterossexualizados. **CULT** – Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, UFBA. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/arquivos/textoGenero.pdf>. Acesso em: 10 Mar. 2013.

agora oscilam entre os caricatos e a narrativa de revelação, todavia a diferença com relação às produções anteriores consiste no aumento da intensidade e na ampliação do espaço destinados a ele na trama.

Outra especificidade da última década é a maneira como os casais não caricatos foram/são elaborados, visto que se intensifica uma tentativa de apresentar um maior número de casais gays inscritos dentro de um modelo heteronormativo. Se por um lado é deixado de lado os estereótipos caricaturais, por outro também se retira desses personagens qualquer tipo de traço que poderia ser atribuído à subcultura homossexual.¹⁵ “Pelo menos nestas personagens, desaparecem por completo as afetações e vigora o desejo de casar e de adotar crianças, ou seja, os casais gays pouco ou nada diferem dos casais heterossexuais considerados ideais em nossa sociedade”.¹⁶

Em 2005, *Senhora do Destino*, de Aguinaldo Silva, trouxe em sua trama tanto o casal heteronormativo quanto o personagem caricatural. O primeiro caso foi vivido pelas personagens Leonora (Mylla Christie) e Jenifer (Bárbara Borges), um jovem casal que foi recebido positivamente pela audiência e pela crítica, cuja trajetória levaria à adoção de uma criança. A narrativa de revelação (Jenifer assume sua sexualidade homoerótica, enquanto Leonora é apresentada desde o início como lésbica) não ocorre ao final da novela, o que possibilita o desenvolvimento dessa relação ao longo dos capítulos.

O segundo caso destoa completamente do primeiro: trata-se do carnavalesco Ubiracy (Luiz Henrique Nogueira), bastante efeminado e histriônico, que mantém um conturbado relacionamento com o bissexual Turcão (Marco Vivala). A oposição binária heterossexual Mulher X Homem se torna latente na constituição dessas personagens também, pois enquanto Ubiracy visivelmente ocupa o espaço feminino (passivo), Turcão encarna o masculino da relação. Percebe-se claramente outra característica do discurso heteronormativo, mesmo numa construção caricatural.

O que há de comum a todas essas produções é a presença de certa assepsia das demonstrações amorosas, aspecto esse que muitas vezes é extremamente ressaltado nos casais heterossexuais. A possibilidade de se televisionar um “beijo gay” em alguma novela transmitida pela Rede Globo ainda tem sido alvo de diversas discussões, gerando polêmica e

¹⁵ A expressão “Subcultura Homossexual” é utilizada por James N. Green a fim de indicar a ocorrência de espaços de vivência e códigos próprios dentro de uma sociabilidade homoafetiva. (Cf. GREEN, James N. **Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Unesp, 2000.)

¹⁶ COLLING, op. cit.

debates fora das telas sobre quais os limites “morais” a serem utilizados em uma programação de TV aberta.

A questão toma uma proporção tão grande que as atrizes Luciana Vendramini e Giselle Tigre, interpretas de Marcela e Marina na novela *Amor e Revolução* (2011) – exibida no SBT –, protagonistas do primeiro beijo gay em uma novela, sofrem até hoje preconceito nas ruas, sendo muitas vezes hostilizadas.¹⁷ Na época que a novela estava sendo transmitida uma nova onda de discussões foi instaurada o que resultou numa ordem direta do dono da emissora SBT, o empresário Silvio Santos, em reduzir drasticamente o espaço e tempo destinado a personagens homossexuais em sua programação. Decisão parecida foi tomada também pelos dirigentes da Globo e da Rede Record, através de vetos e cortes de cenas. Exemplo dessa intervenção ocorreu na novela *Insensato Coração* (2011):

Cerca de três semanas atrás a Globo interveio em “Insensato Coração”, vetando ousada cena gay em motel, entre o casal Hugo e Eduardo (Marcos Damigo e Rodrigo Andrade). Também o autor Aguinaldo Silva foi informado há três meses pela emissora de que deveria evitar polemizar com o assunto (gay) em “Fina Estampa”, sua próxima novela, que estreia em agosto. Silva, porém, vai incluir um personagem gay “estiloso” na história, interpretado por Marcelo Serrado. Mas não haverá cenas eróticas com ele.

Questionado sobre isso, Silva usou as mesmas palavras que já usara anos atrás, decepcionado com mais um veto da Globo a uma cena homoafetiva: “Beijo gay, só lá em casa”.¹⁸

Não há como negar que as telenovelas representam um grande espaço e visibilidade nas programações das emissoras de televisão brasileira, sendo responsáveis por boa parte de suas audiências. Ao mesmo tempo, é necessário destacar o diálogo que estas promovem com o momento histórico em que estão inseridas, o que ocasiona um frutífero diálogo entre ficção e realidade.

A inserção de personagens homossexuais em suas tramas é, sem dúvida, uma forma de visibilidade que toma proporções nacionais (quicá internacionais, em muitos casos), e que promove ao mesmo tempo uma discussão sobre a forma como este *outro* é pensando e visto

¹⁷ Cf. RICCO, Flávio. Luciana Vendramini ainda sofre preconceito pelo beijo gay em novela. **UOL Entretenimento** – televisão, 15 mar. 2012. Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/colunas/flavio-ricco/2012/03/15/luciana-vendramini-ainda-sofre-preconceito-pelo-beijo-gay-em-novela.htm>>. Acesso em: 15 Mar. 2013.

¹⁸ GLOBO E SBT QUEREM menos espaço para gays em novelas. **Correio do Estado**, 20 jul. 2011. Disponível em: <http://www.correiodoestado.com.br/noticias/globo-e-sbt-querem-menos-espaco-para-gays-em-novelas_118267/>. Acesso em: 15 mar. 2012.

socialmente. De acordo com Leonardo Colling, essa visibilidade nas telas em horário nobre pode ser também considerada fruto de um incessante movimento de gays e lésbicas “[...] que romperam a barreira dos guetos e da invisibilidade e passaram a exigir mais respeito e seriedade”.¹⁹

Entretanto, retomando os trabalhos escritos por Joan W. Scott, é importante questionar: a elaboração dessas personagens em telenovelas auxilia na inserção desses sujeitos na sociedade, tornando essas experiências visíveis, ou apenas reforça um sistema ideológico de identidades fixas sobre o que deva ser homossexualidade, heterossexualidade, homem, mulher, etc.?

Observou-se que ao longo dos últimos 40 anos a construção das personagens gays sofreu uma série de modificações, desde a associação de criminalidade até a assepsia de casais dentro de um modelo heteronormativo. Essas transformações estão diretamente ligadas a disputas e processos históricos diversos, que dizem respeito a lutas contra discriminação e busca por direitos e igualdades sociais. Todavia as personagens, mesmo as que não aparentam serem caricaturais, são construídas a partir de um modelo discursivo cristalizado que define a homossexualidade nas margens negativas do padrão heterossexual, ou, no caminho totalmente oposto, forçam uma igualdade dessas experiências como se as mesmas não possuíssem nenhuma especificidade (a igualdade, é claro, é feita tendo como norte o casal hetero).

Cada categoria tomada como fixa trabalha para solidificar o processo da construção-do-sujeito, tornando o processo menos e não mais aparente, naturalizando-o em vez de analisá-lo.²⁰

Desde ponto de vista, perceber a presença de personagens homossexuais em produções com grande visibilidade como é o caso das telenovelas de fato representa um avanço e uma forma ímpar de se colocar essa discussão na ordem do dia. Todavia, a forma como tem sido feita se mostra reducionista, pois apenas os aspectos “menos desagradáveis” são utilizados nessas composições – evitando-se contatos físicos e momentos de maior intimidade. O relacionar-se com outro do mesmo gênero é uma das características mais básicas desses relacionamentos e ao mesmo tempo a mais omitida.

¹⁹ COLLING, Leandro. Personagens Homossexuais Nas Telenovelas Da Rede Globo: Criminosos, Afetados E Heterossexualizados. **CULT** – Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, UFBA. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/arquivos/textoGenero.pdf>. Acesso em: 10 Mar. 2013.

²⁰ COTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. **Projeto História**, São Paulo, n. 16, p. 318, Fev. 1998.

Talvez a imagem de tolerância sexual também seja uma “personagem” interpretada por milhares de pessoas que assistem a essa programação. Talvez esta não seja a imagem mais adequada para se definir o atual estágio da discussão sobre direitos básicos igualitários.

BIBLIOGRAFIA

COLLING, Leandro. Personagens Homossexuais Nas Telenovelas Da Rede Globo: Criminosos, Afetados E Heterossexualizados. **CULT** – Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, UFBA. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/arquivos/textoGenero.pdf>. Acesso em: 10 Mar. 2013

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: a vontade do saber. 21 reimpressão. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

GLOBO E SBT QUEREM menos espaço para gays em novelas. **Correio do Estado**, 20 jul. 2011. Disponível em: < http://www.correiodoestado.com.br/noticias/globo-e-sbt-querem-menos-espaco-para-gays-em-novelas_118267/>. Acesso em: 15 mar. 2012.

GREEN, James N. **Além do Carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Unesp, 2000.

RICCO, Flávio. Luciana Vendramini ainda sofre preconceito pelo beijo gay em novela. **UOL Entretenimento** – televisão, 15 mar. 2012. Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/colunas/flavio-ricco/2012/03/15/luciana-vendramini-ainda-sofre-preconceito-pelo-beijo-gay-em-novela.htm>>. Acesso em: 15 Mar. 2013.

SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. **Projeto História**, São Paulo, n. 16, Fev. 1998.

_____. O enigma da igualdade. **Estudos femininos**, Florianópolis, v. 13, n. 1, Jan./ Abr. de 2005.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos pagu**, v. 28, jan./ jun. de 2007.

SOUSA NETTO, Miguel Rodrigues de. **Homoerotismo no Brasil Contemporâneo: representações, ambiguidades e paradoxos**. 2011. Tese (Doutorado em História) – PPGHIS, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso** – a homossexualidade no Brasil, da Colônia à atualidade. São Paulo: Max Limonad, 1986.